

## *Lima Barreto and Bispo do Rosario: narratives of resistance amidst the confinement*

### **Lima Barreto e Bispo do Rosário: narrativas de resistência em meio a confinamentos**

**Fernando Mello Machado<sup>1</sup>, Daniele Gomes<sup>2</sup>, Arthur Arruda Leal Ferreira<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), <sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal do Rio de Janeiro

fmellmach@gmail.com, danielgomes@live.com, arleal1984@gmail.com

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista\_sh.v1i0.303

**Abstract.** *This article pretends to explore the resistance relationships of two interns, isolated in psychiatric institutions, spaces in which they were confined. Beginning from the respective productions of Lima Barreto and Bispo do Rosário (one writer, the other artist), we reflect about the way how each one was able to reinvent the relationships over there established in the first hand that supposed rigidity and obedience, implying in a desubjectivation of the interns. In front of this, both were able to establish creative activities, producing other discursive modalities, subverting the logic of these spaces, allowing them to react to the confinement that was imposed on them.*

**Keywords.** *Psychiatric Institutions. Lima Barreto. Bispo do Rosário. Resistance. Creation.*

**Resumo.** Este artigo pretende explorar as relações de resistência de dois internos, asilados em instituições psiquiátricas, frente aos espaços nos quais se viram confinados. A partir das respectivas produções de Lima Barreto e Bispo do Rosário (um escritor, outro artista), refletimos o modo como cada qual foi capaz de reinventar as relações ali de antemão colocadas que supunham rigidez e obediência, implicando em uma dessubjetivação dos internos. Diante disso, ambos foram capazes de estabelecer atividades criativas, produzindo outras modalidades discursivas, subvertendo a lógica desses espaços, permitindo-lhes reagir frente à trama da reclusão que lhes foi imposta.

**Palavras-chave.** Instituições Psiquiátricas. Lima Barreto. Bispo do Rosário. Resistência. Criação.

## 1. Introdução

Parece haver uma relação inversamente proporcional entre o estado e as condições de isolamento e a manutenção do bem-estar psíquico. Nossas experiências desde março de 2020 podem colaborar para essa compreensão, haja vista que fomos deslocados e deslocadas para outros modos de operar, devido às restrições tomadas para evitar a proliferação e o contágio pelo coronavírus. Nesse ínterim, o tema da saúde mental passou a estar presente e a circular em diversas instâncias.

A relevância do tema pode ser dimensionada a partir das colocações do secretário-geral da ONU, ao expressar que o luto e as inseguranças desencadeiam ou agravam problemas de saúde mental, demandando uma resposta governamental, sobretudo no âmbito da saúde pública (GUTERRES, 2020). A insurgência dessas indagações se estrutura a partir de medos que se agravam no confinamento abrupto. Ficar "privado(a) de liberdade" de deslocamento parece ser uma punição que atormenta o sujeito, gerando a sensação de que se pode sair dos trilhos da razão, e então, enlouquecer.

Nesta trama desfia-se o ideal da saúde mental, considerado enquanto parâmetro de normalidade, associado ao equilíbrio, ao autocontrole, como se isso pudesse ser precisamente auferido e que, em contrapartida houvesse a doença, ocupando o lugar do desvio e da anomalia. O rastro das narrativas históricas aponta que na Antiguidade diferentes culturas interpretavam outros estados mentais, como as alucinações e os delírios, associados contemporaneamente a um aspecto disfuncional, enquanto possessões espirituais e sinais de inspiração sagradas. As visões dos momentos de transe eram compreendidas como ponto de contato entre o mundo dos vivos e o dos mortos ou mesmo uma experiência de transcendência. Entretanto, com a ascensão do cristianismo, os heréticos, em sua conexão extramundana fora de uma perspectiva dogmática, ortodoxa e litúrgica, são paulatinamente segregados e destituídos da crença em seus poderes divinatórios (RIBEIRO, 2019).

Na Idade Média e no Renascimento, acompanhado a emergência do pensamento racionalista, a segmentação se agravou (RIBEIRO, 2019), concernindo aos insanos um espaço à parte, isolado dos considerados sãos. As embarcações, por exemplo, eram um dos destinos desses sujeitos; o barco tem sua representação simbólica na nau dos loucos, em pinturas que aludem não somente aos traslados dos desvairados propriamente ditos mas a certa desorientação humana atemporal acerca dos seus percursos e destinos, haja vista que a firmeza da terra é associada à razão e o mar e a sua instabilidade aos desatinos mentais. Há relatos de embarcações repletas de insanos aportando em cidades renascentistas que ora absorviam esses indivíduos, ora os encarceravam ou rechaçavam (FOUCAULT, 2017). As naves ou naus, por sua vez, além de apontar para o afastamento da estabilidade da terra firme, têm como seu direcionamento rumos desconhecidos. Outrossim, a figura da embarcação incorpora a ideia de segmentar aqueles sujeitos que, por alguma razão, destoam dos comportamentos social e moralmente aceitos, ou seja, os desviantes devem ficar aglomerados e cerceados em um único lugar. Isso, contudo, não implica em um controle plenamente eficaz das condutas dos sujeitos, havendo sempre linhas de fuga no processo, como veremos na discussão a seguir.

## 2. Heterotopias e saúde mental

Ao longo do século XIX, com o predomínio do discurso médico junto a políticas oficiais dentro da sociedade brasileira, sobrepondo-se às perspectivas caritativas e religiosas, assumiu-se que, os que desviavam de um modelo de racionalidade, descambando para o que era interpretado como um excesso passional ou uma fraqueza da vontade deveriam ser encaminhados para instituições asilares de cunho alienista. Esses locais possuíam intensiva estrutura disciplinar objetivando a ordenação e a circulação dos corpos a partir de restrições cronológicas que impulsionavam a subordinação frente à vigilância, até que seus parâmetros fossem incorporados e, de certa maneira, interiorizados.

Destarte, por mais que estes espaços, por meio de práticas violentas e através da disposição arquitetônica busquem resubjetivar e desumanizar seus internos, também é possível resistir, insurgir, desobedecer e fissurar essas relações de poder colocando em curso estratégias de agenciamento que a linguagem artística pode mobilizar na alteração, no deslocamento e no redimensionamento dos modos de ser. Assim, essas circunstâncias de isolamento ganham outras nuances constitutivas ao serem compreendidas como heterotopias (FOUCAULT, 2006), que rompem com dicotomias como dentro e fora, individual e coletivo. Temos, nomeadamente, um lugar (*topos*), outro (*hetero*), diferente do que está estabelecido e do que poderia ser pensado até então, mas nos quais, os emergentes modos de existir tecem outras condições de possibilidade, que pareceriam incompatíveis mas que solicitam rupturas com os liames que se têm com o tempo cronológico, com as imposições sistêmicas, com as experiências de mundo e com dimensões discursivas previamente estabelecidas.

Se “a utopia é outro mundo, a heterotopia é uma pequena distância em relação à realidade que nos permite habitá-la de outro modo” (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2011, p. 253), isto é, enquanto a primeira está na linha reta do discurso, na medida em que a linguagem e o espaço estão entrecruzados idealmente, a segunda busca desviar dos enunciados para potencializar os territórios, ser um contraespaço, um não lugar de poder (FOUCAULT, 2013).

As instituições de isolamento de pessoas estigmatizadas em função de sua condição mental, como clínicas psiquiátricas, manicômios e hospícios são instâncias que “alocam os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 117) e onde é possível justapor vários espaços. Pois, se em princípio eram pretensamente concebidos como limitadores dos excessos dos que ali se encontravam, esse *topos* pode encampar experiências criativas que vão de encontro a rigidez hierárquica e a perspectiva de silenciamento dos internos. É desde uma concepção da loucura não enquanto interdito, mas sim como um propulsor de experiências transformativas que a obra (artística ou não) se expressa como elemento constitutivo de subjetividades e modos de vida que busca se afirmar ao lado (e apesar) do espaço (FOUCAULT, 2013). Vamos, na sequência, trazer esses operadores para explorar as atividades criativas estabelecidas dentro desse contexto asilar.

## 3. Dois exemplos de relações heterotópicas

A partir do século XIX, postulavam-se práticas disciplinadoras, moralizantes e repressivas sendo impostas aos indivíduos enquadrados pelo saber psiquiátrico na rede

pública assistencial do Rio de Janeiro como Lima Barreto (1888-1922) e Bispo do Rosário (1909-1989). Eles certamente se contrapõem a algumas das amarras às quais se viam constrangidos e buscavam estabelecer uma relação ao mesmo tempo (cri)ativa e insurgente dentro dos espaços em que se viram confinados (era o mesmo método da “reclusão” utilizado na Idade Média, como dizia Lima Barreto). Isso se percebe, sobretudo, se entendermos que os espaços não são vazios, homogêneos e unívocos, mas “um conjunto de relações que definem alocações irreduzíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição” (FOUCAULT, 2013, p.115). Nas frestas, os espaços são engendrados por resistências.

Hospitais e colônias são locais que já abrigaram tantos artesãos, músicos, tantos trabalhadores manuais e intelectuais, tantos artistas em seus atos de bravura: anônimos e silenciados diante das maiores adversidades. Destacamos dois pontos nessa constelação de referências. Respectivamente, temos um no asilo fechado, outro em um asilo que se propõe a ser “aberto”. As épocas também são diferentes, o que modifica as concepções de tratamento propostas pelos discursos médicos. Assim, Bispo e Lima atuam por meio de linguagens díspares na direção de uma experiência criativa que transcende os seus papéis sociais e os limites em que se viam circunscritos dentro daquilo que era pensado em instituições asilares. Dessa forma, as modalidades expressivas se aproximam no movimento de criação de novas vias existenciais em espaços (re)inventados, na ultrapassagem dos limites da temporalidade e da própria espacialidade em seu aspecto material, atuando como uma metáfora, levando a experiência para um outro “lugar”, seja na literatura, seja nas artes plásticas (BLANCHOT *apud* LAVAL, 2018).

Foi no natal de 1919 que o escritor deu entrada em sua segunda e última internação no Hospital Nacional dos Alienados (HNA), onde ficou por três meses. Nos cinco anos que separam esta internação da primeira, sua situação física degradou bastante, conforme a comparação das fotografias de ambas as épocas (SCHWARCZ, 2017). Continuava, porém, tão arguto quanto no tempo em que escreveu seus principais romances. Tomou notas ao longo dessa segunda internação, indagando sobre a cor predominantemente negra dos internos indigentes da Seção Pinel. Comentou sobre a forma paternal e amistosa com que foi atendido por Juliano Moreira; sobre o livresco, mas não totalmente antipático, Henrique Roxo: ambos alienistas de renome. Foi atendido também por antigos colegas seus de curso universitário, ele da Engenharia, eles da carreira médica, alguns dos quais foram possíveis alvos de suas pilhérias em jornais de faculdade. Um alienista em especial, da Seção Pinel, lhe causava arrepios, por ser adepto fervente de quaisquer novidades terapêuticas e procedimentos cirúrgicos do campo, isso se insere num conjunto de observações suas seguidas de críticas e questionamentos em relação aos tratamentos ali despendidos.

Lima sentia-se frequentemente humilhado; tratado de forma sub-humana e de maneira cruel por alguns dos guardas e dos seus cuidadores. Seus pares não recebiam tratamento melhor, segundo seus relatos. Pensionistas, capazes de arcar com os custos de sua estadia, posição que Lima esteve em alguns momentos, tendiam a possuir condições de hotelaria mais amenas. Já os indigentes eram aglomerados em sessões com ainda menos privacidade e sossego. Seus pares tiveram os delírios descritos, alguns dos quais incluíam, segundo sua avaliação, o costume generalizado do “doutoramento” e do “anelado” brasileiro, que representava a ostentação de uma “pose” e alguns lampejos de instrução,

ao invés de um cabedal de conhecimentos mais variado; contra isso ele direcionava seu humor, seu sarcasmo e sua ironia.

Essas estratégias discursivas buscavam o confronto e a denúncia, visando desempenhar uma “missão social da literatura”, que para o autor era a única que interessava: constituía um dedo na ferida dos preconceitos, do racismo e da misoginia (que se expressa pela tolerância das autoridades para com aqueles internados em função dos crimes contra as mulheres que supostamente teriam atentado contra a honra de seus maridos).

Alguns chefes de enfermagem, campônios de origem portuguesa, despertavam nele franca admiração, com sua paciência e zelo constantes, mesmo estando por vezes debaixo de injúrias e impérios. Obrigado a exercer atividades de limpeza e a tomar ducha nu ao lado de outros “doentes”, sentiu-se destituído de sua humanidade. O romancista se debruçou sobre as causas da loucura: na busca pela riqueza, no apego aos títulos, nas frustrações que impediam alguns de ascender socialmente (como fatores raciais, por exemplo), na hereditariedade, no possível “contágio” da loucura, no consumo da bebida alcoólica em excesso. Acreditava que no amor, do mais baixo ao mais ideal, podia residir a redenção das mazelas. Contudo, afirmava que nenhum alienista sincero poderia afirmar com convicção que jamais tivesse curado um caso sequer de loucura ou penetrado no seu véu insondável. De observado, Lima coloca-se na posição de analista e observador; foi um crítico social bem informado das ideias biomédicas. Tomava nota sobre os médicos, que por sua vez tomavam notas, em documentos, a seu respeito. São diferentes narrativas sobre alcoolismo, loucura e experiências asilares; a do interno supostamente invertendo a lógica de poder inerente a aquele espaço. Uma heterotopia possível; uma perspectiva criativa e reativa diante daquela engrenagem relativamente rígida de saber-poder que operava muitas vezes no sentido de silenciar lugares de fala como os de Lima.

E foi desalinhando os uniformes e lençóis dos internos da Colônia Juliano Moreira, reordenando e reinterpretando os objetos que compunham esse espaço, bordando e fiando artesanalmente, imerso em um mergulho na duração do tempo e das memórias que Arthur Bispo do Rosário ia criando suas obras e tecendo sua existência, priorizando a criação e secundarizando a patologia, em suma, propondo um outro modo de apreciar o cotidiano. Ao passo em que não se limitava à categorização do discurso médico, que o queria transformar em entidade hospitalar, ele se reconfigurava como sujeito desejante, (re)construindo o mundo e criando seu próprio universo. Se os uniformes buscam padronizar e solapar as singularidades, potencialidades e afetividades, Bispo sutilmente os desmantela e se afirma enquanto sujeito criador, bordando o seu manto de apresentação.

Após uma revelação divina, ele caminhou até o Mosteiro de São Bento, no centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo levado para o HNA e posteriormente, transferido para a Colônia. Sob o diagnóstico de “esquizofrênico-paranóico”, o sergipano, negro, pobre, recebeu o número de paciente 01662 e passou mais de 50 anos de sua vida internado. Esse sujeito infame, abjeto a partir desses marcadores identitários (FOUCAULT, 2003), compunha possibilidades de ser e estar na reclusão a partir de so(m)bras, tornando-as sacras e entrelaçando a aura dos objetos, seu valor de culto e de exposição (BENJAMIN, 1994) e embaralhando noções como “arte”, “feiura” e “utilidade”.

Seu modo de viver e de produzir se materializaram em mais de 800 obras, dentre bordados, colagens, pinturas, estandartes, tapeçaria e coleções, a partir de restos, descartes, de objetos do cotidiano, materiais relegados ofertados por companheiros, seus visitantes ou recolhidos por ele. Isso dentro de uma instituição de enclausuramento, disciplinarização, inspeção, observação, vigilância que, por vezes, poda as subjetividades e mina as potências criativas; e o faz através de tratamentos agressivos e danosos. Como Bispo ficou internado em instituições psiquiátricas de 1938 até 1989, pode viver na pele as transformações dos discursos e modos de operacionalizar os espaços voltados para a saúde mental e tratamentos psíquicos, que incluíam choques elétricos, medicação sedativa e até lobotomia.

Nesse cenário é possível ver o quanto Bispo é um sujeito que vive à margem, por sua raça, classe, condições de vida e de execução do trabalho, mas que, pelas bordas fundou um espaço heterotópico próprio, tanto que hoje, no território da Colônia há um museu com seu nome e também uma premiação, o Prêmio Arthur Bispo do Rosário, que é um oferecimento do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo voltado para artistas usuários dos serviços de saúde mental, alicerçado pelo debate antimanicomial. Consonante a isso, o retorno de seu corpo a sua terra natal promoveu a criação de um festival de artes anual, com atividades diversificadas, que contam com grupos de cultura popular, espetáculos teatrais, dentre outros. Ademais, sua trajetória tornou-se tema de um exitoso e premiado enredo de escola de samba. Este desfile foi tão marcante que se desdobrou na exposição *O Rei que Bordou o Mundo: poéticas carnavalescas da Acadêmicos do Cubango* que expunha o avesso do que foi mostrado na Sapucaí, a saber, o processo e os elementos criativos, tais como desenhos, adereços, figurinos, filmes.

Historicamente as concepções de louco e de loucura foram fortemente marcadas por um viés moralizante, em que os que recebiam tal denominação eram sujeitos com comportamentos desviantes das normas socialmente estabelecidas, ou seja, eram internados não só aqueles que ouviam vozes inaudíveis para outrem ou tinham surtos, mas também alcoólatras, sífilíticos, tuberculosos, vadios e toda uma classe de “degenerados”. Talvez a aproximação entre as artes/artista e a loucura/o louco seja que ambos ocupam e podem ocupar o espaço da exceção, do desvio, daquilo que não precisa estar padronizado e onde há certa aceitação de práticas inusuais. Neste contexto, a principal missão de Bispo, segundo ele mesmo, era inventariar o mundo existente, coletar, reunir e agrupar (BURROWES, 1999). Dito de outro modo, zelar pela memória, pelo patrimônio, pelo acervo da humanidade, cumprindo assim uma das funções sociais dos museus. Em uma heterotopia ocorre a justaposição de espaços aparentemente incompatíveis, há recortes singulares no tempo (FOUCAULT, 2013a; 2013) e o museu é um exemplo disso, pois comporta intenso significado simbólico e cultural, além de acumular e “parar o tempo, ou antes, deixá-lo depositar-se ao infinito em certo espaço privilegiado a ideia de constituir o arquivo geral de uma cultura” (FOUCAULT, 2013a, p.25).

#### 4. Conclusão

Vimos inicialmente que, na atual pandemia, a situação de confinamento, em muitos casos, gerou uma série de entraves e isso veio concomitantemente a iniciativas para mitigá-lo. Tal acontecimento é impulsionado a partir de novas virtualidades<sup>1</sup> que encampam iniciativas não necessariamente análogas, mas que em alguma medida remetem a gestos artísticos e criativos. É desde aí que experienciamos práticas capazes de emergir em meio ao isolamento, na limitação da clausura, pois, seja na escrita literária, ficcionalizada ou não, ao sabor de Lima, seja em outras intervenções artísticas, como as do Bispo, vemos espaços serem reinventados, engendrados, deslocados, subjetividades insurgentes e desviantes que, em atividades produtivas, são capazes de inspirar modos de vida outros em situações de confinamento e instaurar heterotopias. Nelas temos formas possíveis de lidar com os percalços, inadequações, abalos, oferecendo outras narrativas, diferentes recortes, vieses não normativos, novas dimensões além das molduras de uma espacialidade dada, de um *locus* subjetivo pré-determinado, com linhas fuga dentro das tramas enrijecidas instituídas.

#### Referências

- BARRETO, A. H. L. **Diário do Hospício. O Cemitério dos Vivos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURROWES, P. **O Universo segundo Arthur Bispo do Rosário.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.
- FERNÁNDEZ-SAVATER, A. Espanha: a invenção da praça. *In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.* São Paulo . ano 8 . nº 13 outubro 2011, pp. 250-260.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica.** São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. Dos outros espaços. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias.** Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013a.

---

<sup>1</sup> Nesse caso, a ideia de virtual vincula-se à noção deleuziana, pensada no horizonte ontológico como meio de compreensão da diferença e está pareado com a noção de atual. A operacionalização do par atual-virtual, não coloca o segundo termo em um lugar mais abstrato que o primeiro e não se restringe a ideia de um mero possível, mas sim engendra-se com o real. (DELEUZE, 2006).

GUTERRES, A. **ONU: serviços de saúde mental devem ser parte essencial de respostas ao coronavírus**, maio de 2020. ONU News, 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713522>. Acesso em 12/12/2020.

RIBEIRO, S. **O Oráculo da noite: a história e a ciência do sono**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, L. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ªed- São Paulo: Companhia das Letras, 2017.